

# Comunicação e Jornalismo: Conceitos e Tendências

Thaís Helena Ferreira Neto  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2018

Thaís Helena Ferreira Neto  
(Organizadora)

Comunicação e Jornalismo:  
Conceitos e Tendências

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Lorena Prestes

**Revisão:** Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C741 Comunicação e jornalismo: conceitos e tendências [recurso eletrônico] / Organizadora Thaís Helena Ferreira Neto. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Comunicação e Jornalismo: Conceitos e Tendências; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-026-1

DOI 10.22533/at.ed.261190901

1. Comunicação social. 2. Jornalismo. 3. Mídia digital. I. Ferreira Neto, Thaís Helena. II. Série.

CDD 303.4833

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

DOI O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra “Comunicação e Jornalismo: Conceitos e Tendências” volume 1 é composta por 13 artigos que abordam discussões envolvendo comunicação e produção de conteúdo através de dispositivos móveis, como aplicativos (apps), mídias digitais, plataformas interativas, mobilidade e convergência midiática. Tendências que permeiam o Jornalismo nas multtelas.

Pensar o Jornalismo como impulsionador dessas ferramentas digitais é oportunizar novas opções de diálogo para o cenário, seja no jornalismo televisivo, radiofônico, impresso, investigativo, na assessoria de imprensa ou no próprio jornalismo digital.

A digitalização do jornalismo, as capacidades que a internet oferece aos jornalistas na obtenção de dados e de acesso à informação, a proliferação de canais de comunicação e a potencialmente da interatividade entre jornalistas e fontes e entre jornalistas e público, são fatores que apontam para a existência de um campo jornalístico envolvendo todos os agentes sociais.

Essa tendência de pesquisa com foco no jornalismo digital é reflexo do cenário que hoje tem como alguns temas latentes as redes sociais, polarização política, checagem de fatos, jornalismo de dados, audiência e estatísticas, desinformação e representatividade. Assuntos em pauta, importantes para um diálogo plural e consciente.

Thaís Helena Ferreira Neto

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>7</b>
INTERAÇÃO, INTERATIVIDADE E SUBJETIVIDADE: UM ENSAIO SOBRE CONTRATO DE LEITURA NAS REDES DIGITAIS	
César Steffen	
DOI 10.22533/at.ed.2611909011	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>19</b>
A INTERATIVIDADE NOS CIBERMEIOS DE DOURADOS: COMO OCORRE A PARTICIPAÇÃO DO LEITOR NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS NA WEB	
José Milton Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.2611909012	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>31</b>
A COBERTURA DO NOVO JORNAL NOS ATENTADOS DO CRIME ORGANIZADO NO RN: PRODUÇÃO NOTICIOSA E INTERAÇÃO NO <i>FACEBOOK</i>	
Adriano Charles Silva Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.2611909013	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>42</b>
REDESSOCIAIS E SEXUALIDADE: CONCEPÇÕES A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DOS ADOLESCENTES DO <i>CAMPUS IFAM/HUMAITÁ</i>	
Alline Penha Pinto	
Paulo Severino da Silva	
Flávia Heloísa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2611909014	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>50</b>
FACEBOOK E NUTRIÇÃO	
Samara Carolina Fernandes Ferreira	
Graciele Stolarski	
Ana Paula Machado Velho	
Tiago Franklin Rodrigues Lucena	
DOI 10.22533/at.ed.2611909015	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>57</b>
MÍDIA ONLINE: COMO O CIBERJORNALISMO ABORDA AS DOENÇAS PSÍQUICAS	
Jacir Alfonso Zanatta	
Bianka Macário	
Valesca Soares Consolaro	
DOI 10.22533/at.ed.2611909016	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>66</b>
UMA ENQUETE <i>ONLINE</i> : MODELAMENTO MATEMÁTICO DE TEMPOS DE RESPOSTA E ANÁLISE CRÍTICA	
Paulo Roxo Barja	
Cláudia Regina Lemes	
DOI 10.22533/at.ed.2611909017	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>77</b>
MT TV- 1ª EDIÇÃO: REFLEXOS DE INTERATIVIDADE NO CONTEÚDO NOTICIOSO DO TELEJORNAL	
Ulislávio Oliveira Evangelista	
Roscéli Kochhann	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2611909018</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>87</b>
REMEDIAÇÃO SEM INTERAÇÃO: UM EXAME SOBRE A PRESENÇA DE O GLOBO NO FACEBOOK	
Telma Sueli Pinto Johnson	
Warley Bueno Pereira Jr.	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2611909019</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>104</b>
THE ENTIRE HISTORY OF YOU: OBSESSÃO MNEMÔNICA E ARQUIVISMO COMPULSIVO NOS HARDWARES DE MEMÓRIA ARTIFICIAL	
Tiago Ricciardi Correa Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.26119090110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>112</b>
SEMINÁRIO DE LINGUAGENS COMPARADAS: UNIR SABERES PARA UM JORNALISMO DE EXCELÊNCIA	
Caroline Maria Beccari	
Sônia Regina Schena Bertol	
<b>DOI 10.22533/at.ed.26119090111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>125</b>
UMA REVISTA MAGRA: COMO A VEJA ONLINE ABORDA A ANOREXIA	
Bianka Macário	
Jacir Alfonso Zanatta	
<b>DOI 10.22533/at.ed.26119090112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
CONTEÚDO VOMITADO: COMO A VEJA ONLINE ABORDA A BULIMIA	
Ingrid Rocha de Moraes	
Jacir Alfonso Zanatta	
<b>DOI 10.22533/at.ed.26119090113</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>144</b>

## SEMINÁRIO DE LINGUAGENS COMPARADAS: UNIR SABERES PARA UM JORNALISMO DE EXCELÊNCIA

**Caroline Maria Beccari**

Universidade de Passo Fundo, Faculdade de  
Artes e Comunicação

Passo Fundo - Rio Grande do Sul

**Sônia Regina Schena Bertol**

Universidade de Passo Fundo, Faculdade de  
Artes e Comunicação

Passo Fundo – Rio Grande do Sul

**RESUMO:** Em tempos de jornalismo digital o perfil do profissional da área requer indivíduos capazes de trabalhar com a convergência de mídias e formatos. Mesclar som, imagem, texto, infográficos para repassar a informação completa e clara. Com a produção de reportagens sobre ciência e tecnologia não é diferente. Utilizar dessas novas maneiras de informar pode ser uma aliada na construção de um jornalismo de ciência cada vez mais acessível a sociedade. É por isso, que esse artigo se propõe a explorar a correlação dos conceitos de jornalismo científico e convergência de mídias baseado na exemplificação do Seminário de Linguagens Comparadas, realizado semestralmente pelo quinto nível do curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Convergência; Interdisciplinaridade; Jornalismo Científico; Linguagem jornalística; Seminário de linguagens

**ABSTRACT:** In times of digital journalism the professional profile of the area requires individuals capable of working with the convergence of media and formats. Merge sound, image, text, infographics to pass on the complete and clear information. With the production of news reports on science and technology is no different. Using these new ways of reporting can be an ally in building a science journalism increasingly accessible to society. Therefore, this article proposes to explore the correlation between the concepts of scientific journalism and media convergence based on the example of the Seminar on Comparative Languages, held semiannually by the fifth level of the journalism course at the University of Passo Fundo.

**KEYWORDS:** Convergence; Interdisciplinarity; Scientific Journalism; Journalistic language; Seminary of languages

### 1 | INTRODUÇÃO

A divulgação da ciência e tecnologia a muito é objeto constante de estudos e indagações devido, entre outros fatores, às disparidades de pensamento entre os lados envolvidos na produção do conteúdo, os cientistas e os jornalistas. Para os primeiros o jornalismo objetivava e reduzia demais o suor

depositado em pesquisas complexas; já para os segundos, cuja meta sempre foi justamente tornar a informação acessível para todos os públicos, os cientistas não compreendiam a real necessidade de trazer às claras esse suor das pesquisas para que a comunidade em geral pudesse estar a par do progresso da ciência e de seus benefícios para a sociedade. Na medida em que o tempo corre, essas divergências parecem estar sendo amenizadas e ambos lados conseguem compreender que a união entre o jornalismo e a ciência promove a valorização da pesquisa e a melhor compreensão da realidade a nossa volta, que tem no ofício do cientista a incansável vontade de decifrá-la, talvez, para não ser por ela devorada.

Dessa forma, como o entendimento de jornalismo científico evoluiu, a incorporação das tecnologias digitais no produzir a informação colaborou, ou melhor, permitiu a adoção da convergência de linguagens, formatos, mídias na elaboração do produto jornalístico de uma maneira geral (MACHADO; TEIXEIRA, 2010). Assim, não diferente, as formas de divulgação da ciência através do jornalismo científico, também, se adaptam aos novos meios e formatos, fato que coloca em teste a premissa de que se o jornalismo científico que usufrui dessas potencialidades informacionais do nosso tempo atual melhora de fato a compreensão da informação complexa de C&T (Ciência e Tecnologia). E, para tanto, surgem nos espaços de debate nos eventos científicos oportunidades de revelar exemplos práticos do uso da comunicação, através da congregação de linguagens e formatos, e dessa convergência interdisciplinar.

Dessa maneira, esse artigo busca exemplificar essa junção dos conceitos de jornalismo científico, explanado no primeiro item, de convergência de linguagens, temática aprofundada no segundo item e o fechamento dessas ideias com um terceiro item em que, a exemplo de um Seminário de Linguagens Comparadas, há a prática dessas teorias reunidas. Num esforço transdisciplinar entre as disciplinas de Jornalismo Científico, A reportagem, Telejornalismo e Reportagem para rádio, os estudantes são desafiados, a partir de um estudo científico de qualquer área do conhecimento, a construir reportagens multimídia para levar o conhecimento científico a um público leigo. Assim, constrói-se mais um objeto de debate e análise da prática do jornalismo científico na era da convergência.

## **2 | JORNALISMO CIENTÍFICO: TRADUZIR O COMPLEXO NA ERA DO ACESSÍVEL**

O Jornalismo científico como conceito foi construído baseado na ideia de tradução. Oliveira (2002) frisa que a união maior entre ciência e jornalismo se consolida, de fato, quando a ciência encontra no jornalismo o fiel tradutor daquilo que a pesquisa quis desvendar. Ou seja, aquele saber que busca conhecer a realidade através da observação e entendimento da natureza encontra na profissão do jornalismo um meio que usa desse conhecimento para interpretar a realidade que se divulga rotineiramente. Oliveira (2002) define, ainda, que o importante na divulgação científica se trata da



necessidade das pessoas, o maior número delas, ter acesso a essas informações, que em maior ou menor grau as afeta. Burkett (1990, p. 5) já afirmava que os “escritores de ciência consideram que suas carreiras são construídas ao redor de explicar ou traduzir conhecimento científico para pessoas que podem ser ou não cientistas”.

Como afirma Oliveira (2002), o conhecimento e diálogo sobre C&T deixou de ser uma temática presa aos laboratórios ou congressos da categoria somente. Ou seja, despreendeu-se das de espaços fechados onde muitas vezes a distância da realidade social imperava para sair a luz dos espaços abertos de discussão e divulgação. História essa que iniciou no apogeu da revolução científica, onde a Inglaterra via a circulação da ciência a partir de cartas expedidas pelos próprios cientistas, nas quais anunciavam suas novas descobertas e ideias (OLIVEIRA, 2002). E se por um lado a Inglaterra foi o berço, o pioneirismo foi legado ao alemão Henry Oldenburg, que inspirava a nova geração de homens da ciência (OLIVEIRA, 2002). Assim, a combinação da informalidade das cartas e do alcance do texto impresso foi percebida por Oldenburg que colocou em prática a profissão de jornalista científico. Já no Brasil a divulgação de textos com traços do jornalismo científico começou com o jornalista Euclides da Cunha, que mesmo sem receber a denominação de jornalista científico, em seu livro “Os Sertões”, usava das técnicas desse estilo de fazer jornalismo.

O conhecimento dos avanços da ciência e tecnologia foram, portanto, ocupando seu lugar nos espaços jornalísticos. E a qualidade desse produto é demonstrada na medida em que convence a sociedade que fazer ciência é característica humana que implica diretamente na rotina social, econômica e política de uma cidade, estado, país e além. E como frisa Oliveira (2002), a pior consequência da falta de informação sobre qualquer assunto é a “incapacidade de poder opinar ou decidir sobre coisas que podem afetar a vida individual, comunitária e até de toda uma nação” (OLIVEIRA, p. 15). E além de o jornalismo científico colaborar na observação desses assuntos científicos ligados a inovações e descobertas, ele tem o papel fundamental de buscar na ciência as respostas para questionamentos que nos deparamos no nosso dia-a-dia, ou seja, o aprofundamento de temáticas que surgem a partir de acontecimentos cotidianos. É a ciência que ajuda na interpretação de fenômenos sociais, causas e consequências, dos fatos relatados no jornalismo em qualquer editoria.

Ao se pensar na linguagem trabalhada no jornalismo científico, é confirmada a necessidade por parte do profissional, de saberes mínimos de interpretação da ciência, familiaridade com a pesquisa científica e como ela acontece, sobre a história e evolução das formas de pesquisa e políticas que regem esse campo do conhecimento. Além disso, o contato com as fontes, ou seja, a proximidade com a comunidade científica (OLIVEIRA, 2002). Esses aspectos são os minimamente exigidos para que a divulgação dessas temáticas aconteça de forma clara e contínua. Afinal, somos frutos de salas de aula de jornalismo que acreditam piamente na capacidade de transformação que o nosso trabalho tem e democratizar o conhecimento é a maior forma de tentar ao menos gradativamente iniciar revoluções e transformações efetivas na sociedade.

Por isso, quando adentramos em uma era cibercultural que nasceu em decorrência dos avanços tecnológicos na área da informática e da conexão em rede, essa esperança de ser agentes transformadores se intensifica. Pois, além de, através do jornalismo científico, poder escancarar ao público cada novidade que surge desse meio, os profissionais podem usar dessas novidades para melhor divulgar e dar a entender essas novidades. É a convergência de mídias, a congregação de linguagens e potencialidade de um contexto em rede a facilitar as formas de apresentação do conteúdo científico e tecnológico para a sociedade, cada mais conectada e sedenta por informações ao mesmo tempo claras e aprofundadas.

### **3 | LINGUAGENS DE CONVERGÊNCIA: CONGREGAR PARA INFORMAR**

A convergência de linguagens vem modificando o cenário cultural, o social, o econômico, e não diferente, o jornalístico. Na busca de adaptação ao contexto contemporâneo os profissionais jornalistas mesclam linguagens para transmitir a totalidade da informação. Jenkins (2009) já definia que a convergência de mídias, mais que mudança tecnológica, é a alteração na ordem pela qual a informação é produzida, recebida e processada. Ele enfatiza que a convergência não é um ponto final, mas o caminho percorrido até ele.

Salaverría (2014), por sua vez, afirma que a comunicação humana sempre foi multimídia. O homem percebe o mundo através dos sentidos e desse modo constrói a noção de realidade montando esse quebra-cabeça de informações. Dessa maneira, é como se a adequação da comunicação para divulgar o conhecimento multimídia sempre fosse o verdadeiro caminho para o melhor entendimento da informação repassada, só que agora, essa produção de conteúdo multimídia é facilitada pelo grande avanço das tecnologias. Salaverría (2014) ainda ressalta a necessidade de, portanto, entender a conceituação do que é ser multimídia. Conceituação essa construída tendo ciente as diversas aplicações, nas diversas áreas. Assim, há a multimídia como plataforma, na qual diferentes meios jornalísticos se articulam para uma cobertura conjunta de algum evento; há a multimídia como polivalência, que se divide em polivalência mediática, onde o mesmo jornalista trabalha distintos meios, polivalência temática, onde o jornalista trabalha com qualquer editoria, sem especialização informativa e polivalência funcional, que se relaciona com o jornalista multitarefa dentro de uma mesma redação; e existe a multimídia como combinação de linguagens, que representa, então, a combinação de linguagens e formatos. Ou seja, para Salaverría (2014), basta transmitir a informação numa junção de dois ou mais sentidos e a multimídia passa a existir.

Assim, a partir de 1990 o mundo assistiu o nascimento de uma tecnologia capaz de transformar o universo comunicacional, a Internet. A apresentação simultânea de conteúdos multimídia foi potenciada pela Web. Como Salaverría (2014) comenta, não é à toa que o conceito de jornalismo multimídia alcançou o protagonismo após

o surgimento da internet, pois ela facilitou o processo de criação de conteúdos multissensoriais. Uma plataforma que permitiu combinar múltiplos formatos ao mesmo tempo e no mesmo lugar.

Mas, Salaverría (2014, p. 40) lembra que para a informação multimídia ser, de fato, atrativa e de fácil entendimento, ou seja, para que ela cumpra sua função de melhor informar, “é necessário que os elementos que a compõe estejam devidamente interligados. O texto, o som, as imagens e o vídeo, assim como outros elementos que possam surgir no futuro, devem estar devidamente coordenados para que o resultado seja harmonioso”. O que ele chama de “ingredientes multimídia” devem combinar na “panela” da Web para serem servidos como uma deliciosa reportagem.

Assim, o jornalismo científico deve se propor a adentrar os caminhos da multimedialidade e usufruir de todas as características que a convergência de mídias, possibilitada pelo avanço nas tecnologias informacionais e o acesso em rede, oferece. Vieira (1998) já definia que o discurso do jornalismo científico necessita utilizar os recursos como áudio, vídeo, figuras de linguagem, gráficos, tabelas, infográficos para situar o leitor dentro da temática e dessa maneira facilitar o entendimento do conteúdo científico. Ueta (2014) complementa na medida em que confirma que o conteúdo multimídia permite esse entendimento devido a sua atratividade, por se apresentar com dinamismo e criatividade, assim, permite ao leitor quase que um ato de desbravar o conteúdo, prendendo sua atenção, principalmente dos jovens, e de forma clara e bem estruturada repasse a informação.

Nesse sentido, Caldas (2004) enfatiza que enquanto o profissional jornalista, sobretudo os responsáveis pela divulgação científica, não compreender que seu papel na produção de informação deixou de ser uma mera tradução do saber, como está no cerne da profissão, o cenário do jornalismo científico não muda. Compreender as condições em que o leitor recebe a informação, suas referências, seu contexto e só assim formatar o conteúdo com base em uma elaboração mais aprofundada e ao mesmo tempo criativa de apresentação da informação. Caldas (2000) já investia nessa tese de que o jornalista científico não deveria se limitar à função de simples “tradutor” da fala de cientistas. Nem como um assessor no papel de divulgador de sua produção. Mas pensar na CeT como campos com demasiado impacto sobre o meio ambiente e o bem-estar da sociedade em geral. Ou seja, as temáticas científicas e tecnológicas exigem cuidados redobrados na hora de produzir a informação. Exigem atenção. A ciência moderna está cada vez mais complexa, com discussões que se relacionam diretamente com a rotina das pessoas, sendo assim, a forma de anunciar essas descobertas precisa ser levado em conta essa relação entre ciência e dia-a-dia da sociedade.

Ueta (2014) menciona, então, que uma das formas para relacionar esses assuntos de CeT é uso de figuras de linguagem. Para explicar e aproximar o objeto de pesquisa ao cotidiano social. Essa analogia, visa possibilitar o leitor a compreender o momento presente, os avanços e se apresenta como um método de ilustração das

ideias desenvolvidas nos laboratórios, porém, pensadas para integrar o universo além desse espaço fechado. Além desse elemento, vários outros podem ser utilizados. É o que poderá ser observado no próximo item.

#### **4 | A CIÊNCIA QUE DÁ O QUE FALAR: A EXPERIÊNCIA DO SEMINÁRIO DE LINGUAGENS COMPARADAS**

A união dos conceitos trabalhados de jornalismo científico e linguagens integradas pode ser aplicada na experiência do “Seminário de Linguagens Comparadas”. Esse seminário é a materialização da vontade do colegiado do curso de Jornalismo da Faculdade de Artes e Comunicação, uma unidade acadêmica da Universidade de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, de unir disciplinas para que os acadêmicos tivessem a oportunidade, ou melhor, o incentivo para produzir trabalhos jornalísticos com congregação de linguagens, adaptados ao contexto de convergência de mídias, e assim, trabalhar conjuntamente quatro disciplinas do currículo do quinto semestre do curso, são elas: A reportagem, Jornalismo científico, reportagem para rádio e telejornalismo. Ou seja, unir os conhecimentos adquiridos nessas quatro disciplinas para, em grupo, produzir especiais multimídia que contemplassem as mais diversas linguagens e saberes sobre projetos de pesquisa científica em andamento na própria Universidade.

Nas Atas da reunião do colegiado do curso sobre o Seminário, as professoras relatam:

Boa receptividade dos alunos, a integração de conteúdos entre as quatro disciplinas e o potencial pedagógico da atividade, no sentido de permitir aos alunos que avaliem as distinções entre as linguagens e plataformas, bem como seus pontos de conexão” (ATA Nº 205, p. 2, 2014).

O que demonstra que tanto colegiado quanto acadêmicos abraçaram o projeto do Seminário de Linguagens Comparadas. Essa Ata refere-se à segunda edição do Seminário. Porém, as formas de apresentação dos trabalhos foram se aprimorando nas edições seguintes, até que no ano de 2016, na quinta edição do projeto, os alunos foram desafiados a utilizar a plataforma Atavist como local de construção das reportagens multimídia.

Assim, seguem-se figuras da reportagem multimídia “Canto das sereias: a história de quem luta diariamente contra o vício das drogas”, produzido por seis alunos do quinto nível do jornalismo com base no projeto de pesquisa “Atenção Psicossocial ao Usuário de Drogas nas Comunidades Terapêuticas” da professora pesquisadora, Silvana Baumgarten. Este trabalho exemplifica as produções feitas pelos alunos com base nos conceitos de jornalismo científico e convergência de linguagens.

Na primeira sequência de figuras pode-se observar a capa principal da reportagem e suas três divisões: “Voz da ilusão”, que narra o começo do envolvimento dos personagens com as drogas, “Pedido de socorro”, que conta o processo de

conhecimento do problema pela família dos drogaditos e “O recomeço”, que narra a vida dos personagens dentro das comunidades terapêuticas na busca pela recuperação e pela libertação do vício.



Figura 1: Capa principal

Fonte: Canto das Sereias - Atavist

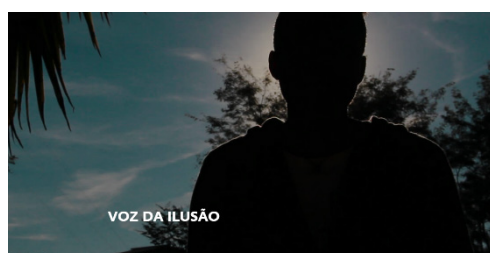


Figura 2: 1 cap. Voz da ilusão

Fonte: Canto das Sereias – Atavist



Figura 3: 2 cap. Pedido de socorro

Fonte: Canto das Sereias – Atavist



Figura 4: 3 cap. O recomeço

Fonte: Canto das Sereias - Atavist

Todo o especial multimídia “Canto das sereias” foi produzido com base em uma figura de linguagem, a metáfora. Um dos personagens, o Adriano, revelou em entrevista que o vício das drogas era como o canto das sereias, história narrada no livro *Iliada* e *Odisséia* de Homero. Esse canto era tão atraente que envolvia os marinheiros que o seguiam e eram capturados pelas criaturas marinhas, assim como a droga que se apresentou atraente e o capturou levando-o ao fundo do mar, afogado no desespero.

Portanto, toda a narrativa já por si só é uma metáfora construída que explica de forma ilustrada toda caminhada dos personagens, desde o começo com a entrega as drogas até o tratamento nas casas terapêuticas. Na figura 5 pode-se observar que a narrativa do “Canto das sereias” é feita pelo próprio Adriano, em vídeo, que foi o recurso utilizado para apresentar os personagens. Todos eles falam em vídeos espalhados estrategicamente durante a reportagem. O texto, como observado no trecho da mesma figura, é trabalhado em linguagem do jornalismo literário, que pelas características de descrição, metáfora, de narrativa e de fidelidade a linguagem do entrevistado, acaba se tornando um texto de fácil compreensão ao mesmo tempo que envolve o leitor de forma que este deseja chegar ao final da reportagem para entender como se sucedeu a história dos personagens.



Figura 5: Adriano conta a narrativa do canto das sereias

Fonte: Canto das Sereias – Atavist

Além dos recursos de vídeo, metáfora e jornalismo literário, foi congregado o formato em áudio. Canções cujas letras expressavam o sentimento do texto foram encaixadas em pontos específicos para ajudar o leitor a mergulhar na reportagem e na temática. Na figura 6 pode ser observado um destes momentos em que a música emprestou sua carga emocional e literária para ajudar a narrativa. O áudio da música foi incorporado e, logo abaixo, um trecho da letra.

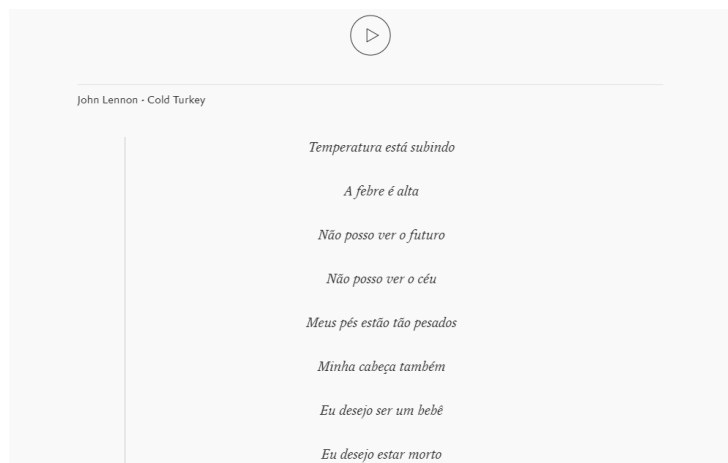


Figura 6: Canção Cold Turkey de John Lenon integrada na reportagem

Fonte: Canto das Sereias – Atavist

A arte de uma maneira geral serviu de inspiração, exemplificação e colaborou na construção da metáfora do texto. Abaixo, nas figuras 7 e 8 exemplos:



Figura 7: Pintura “O grito”

Fonte: Canto das Sereias – Atavist

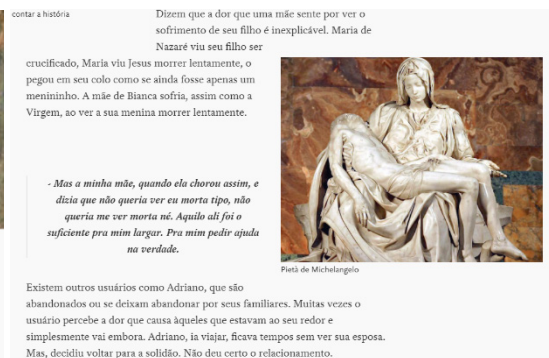


Figura 8: Escultura “Pietà”

Fonte: Canto das Sereias - Atavist

A pintura “O grito” de Edward Munch e a escultura “Pietà” de Michelangelo são obras de arte que emprestam seus significados para o texto. O grito de desespero e a dor da mãe pelo filho, respectivamente. Mais uma exemplificação do uso das diferentes linguagens artísticas, no caso, para falar ao leitor.

Também, foram utilizados na reportagem gráficos e infográficos para que os números referentes a temática ficassem visíveis e fossem facilmente compreendidos e assimilados, conforme figura 9:

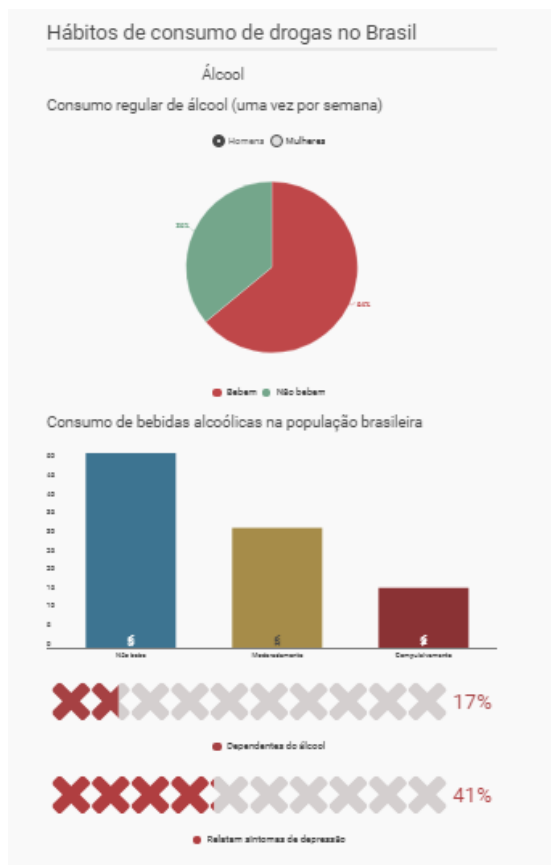


Figura 9: Infográficos sobre consumo de drogas

Fonte: Canto das sereias - Atavist

E depois de todo desenrolar da história o leitor finalmente pode perceber que a temática da reportagem se baseia em uma pesquisa científica desenvolvida na Universidade de Passo Fundo, pelo curso de psicologia. Ou seja, na reportagem foram utilizados diversos conceitos e ideias encontradas pela pesquisadora com base na observação e estudo das comunidades terapêuticas e seus métodos de ajuda aos drogaditos, no entanto eles foram trabalhados sutilmente. Observe a Figura 10:



### Comum unidade: a força de um espaço de transformação

Nas comunidades terapêuticas, o tratamento é feito gradativamente. Tudo tem seu tempo. Há tempo de aceitar, tempo de agir, tempo de curar, tempo de perseverar. Maria Assunción é madrinha na Fazenda Esperança, Iberê Alves é coordenador na Casa Vita e juntamente com a psicóloga Silvana Baumgarten explicam as etapas do tratamento, os degraus da escada que leva à reabilitação. O objetivo da pesquisa de Silvana intitulada *“Atenção Psicossocial ao Usuário de Drogas nas Comunidades Terapêuticas”* é saber como é feito o tratamento, a entrada, a saída e como são tratados os drogaditos. Também o perfil dos usuários que frequentam as comunidades terapêuticas interessam ao estudo. Dentro desses locais cheios de histórias, a pesquisa apresentou que a maioria são jovens e adultos. As drogas que mais levam as pessoas para esses locais são o crack e o álcool. No topo da escada, a dignidade espera os que aceitam encarar cada desafio da subida. Vamos conhecer a realidade das comunidades, os obstáculos de ajudar e receber ajuda.



Figura 10: Professora pesquisadora Silvana Baumgarten

Fonte: Canto das Sereias - Atavist

A ciência foi devidamente divulgada de uma forma que aproximou a temática da realidade social e além, foi dada voz aos que diretamente se encaixam na pesquisa, mas que, muitas vezes, não são ouvidos, os personagens Adriano, Simone e Bianca. Pessoas que lutam para desfazer o mal provocado pelo canto das sereias em suas vidas. Que buscam pela liberdade de corpo e alma.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A união do Jornalismo científico e da linguagem multimídia comprovou ser benéfica para a divulgação da informação de C&T, através da exemplificação do “Canto das sereias”. Compreender assuntos por vezes complexos através de uma linguagem clara, com recursos que ajudam nessa assimilação de conteúdo fazem o jornalismo caminhar para o cumprimento do seu verdadeiro papel, informar a população de forma completa para que a sociedade esteja ciente de tudo que acontece ao seu redor e democraticamente possa deliberar sobre suas escolhas, atitude e opiniões.

Através deste artigo buscou-se a comprovação de que ao utilizar as diversas linguagens e mídias faz reportagem se apresentar mais completa, clara, aprofundada, com dinamismo e criatividade como a autora Ueta (2014) já definia ser o caminho a seguir. E em conformidade com Caldas (2000; 2004), esse jornalismo científico apresentado na Reportagem multimídia “Canto das sereias” não é uma mera

tradução do conteúdo científico, mas, além disso, é o entendimento e repasse desse conhecimento à comunidade.

Utilizar das novas linguagens congregadas é favorecer a forma de fazer Jornalismo Científico. Os profissionais da área e a sociedade em geral devem se preocupar com a forma que são produzidos, divulgados e recebidos os produtos jornalísticos. Pois, se bem aproveitados os “ingredientes”, como diria Salaverría (2014), a “comida” se torna saborosa e capaz de nutrir quem a recebe. Afinal, como um jovem escritor contemporâneo, chamado Eli Pariser, bem afirma, “tanto em termos de informação como de comida, nós somos aquilo que consumimos” (PARISER, 2012, p. 87).

## REFERÊNCIAS

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CALDAS, Graça. **Mídia, ciência, tecnologia e sociedade: o papel do jornalismo científico na formação da opinião pública**. In: Revista Pesquisa Fapesp. ed. 60. 2000.

CALDAS, Graça. **O poder da Divulgação Científica na Formação da Opinião Pública**. In: SOUSA, C. M. de (Org.). Comunicação, Ciência e Sociedade: Diálogos de Fronteira. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária. p. 65-80.

COLEGIADO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO. **Ata número 205**. Passo Fundo. 2014.

SOUSA, C. M. de (Org.). **Comunicação, Ciência e Sociedade: Diálogos de Fronteira**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária. 2004.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. 2. Ed. São Paulo: Aleph, 2009. Tradução por: Susana Alexandria. 432 p.

MACHADO, Elias; TEIXEIRA, Tattiana. **Ensino de Jornalismo em tempos de convergência**. Editora E-papers, 2010.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto. 2002.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a Internet está escondendo de você**. Zahar, 2012. Disponível em: <<https://lereumvicio.files.wordpress.com/2016/06/o-filtro-invisivel-eli-pariser.pdf>> . Acesso em: 1 abr, 2017.

SALAVERRÍA, Ramón. **Multimedialidade: informar para cinco sentidos**. In: CANAVILHAS, João (Org.). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Livros LabCom. p. 25 -52. 2014.

UETA, Tais Marie. **Convergência, Empatia e Audiência: reflexões para a Divulgação Científica e Experiências na Universidade Federal de Mato Grosso**. In: XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2014.

VIEIRA, C. L. **Pequeno Manual de Divulgação Científica**. São Paulo: CCS/USP, 1998.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

NARDI, Andrei da Silveira et al. **Canto das sereias**: a história de quem luta diariamente contra o vício das drogas. Atavist. 2016. Disponível em: <<https://andrein.atavist.com/cantodassereias>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-026-1



9 788572 470261